

TERÊNCIO

COMÉDIAS

I

Introdução geral de WALTER DE MEDEIROS

Introdução, tradução do latim e notas
de WALTER DE MEDEIROS e AIRES PEREIRA DO COUTO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2008

A MÃO DE SATURNO

INTRODUÇÃO À LEITURA DE TERÊNCIO

1. A VIDA

«Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.» Quem sabe? Aca-so o predestinasse, também, a má estrela que Pessoa elegeu para Gomes Leal: «Este, poeta, Apolo em seu regaço / a Sa- turno entregou. A plúmbea mão / lhe ergueu ao alto o aflito coração / e, erguido, o apertou, sangrando, lasso.» Fruiu decerto horas de enlevo, horas de esperança. Todos as vive- mos. Correram, afinal, para o lago de breu — e por lá se abis- maram.

Como lhe chamariam, à nascença, em Cartago? Inútil in- quiri-lo. Os *tria nomina* que lhe ficaram — *Publius Terentius Afer* — são obviamente de imposição romana. O cognome *Afer* parece indicar, no entanto, que Terêncio (o nome da *gens* pre- valeceu) seria de procedência líbica, e não púnica: salvo se o patrono preferiu simplesmente encobrir uma origem de negra memória para os Romanos. Sobretudo no final da segunda guerra, a mais tremenda, porque anibálica. De qualquer modo, Terêncio é o primeiro escritor grande da literatura romana a nascer em África. Outros viriam. E assinalados.

A data do seu nascimento oscila entre 195 a. C. e 185 a. C.: a mais recente, autorizada pelo melhor códice da *Vita* suetônio- donaciana (que lhe dá dezanove anos, quando da represen- tação da sua primeira peça, a *Andria*), coincide com a do nas- cimento de Cipião Emiliano, o futuro protector; mas muitos

outros códices lhe atribuem, na altura, vinte e nove anos, uma idade que levanta maiores dificuldades, embora não irremovíveis.

O escravo que foi — como Andronico, como decerto Cecílio — não perdurou muito tempo nessa condição: o seu senhor, um senador vitorioso de nome Terêncio Lucano, mandou que lhe dessem esmerada educação e, a breve trecho, o libertou. Com a motivação que o biógrafo assim enuncia, concisamente: *ob ingenium et formam*.

E aqui se estreiam os amargores do liberto. Ninguém exclui, de entrada, o mérito da inteligência: as insinuações malevolentes sobre a beleza não-de surgir depois, quando o círculo dos Cipiões que o acolhera ganhou crescente notoriedade. Estranhamente, o retrato da *Vita* não privilegia muito os predicados físicos: Terêncio seria de estatura meã, compleição franzina, colorido fosco da tez, condicente com a sua origem africana. Outra nobreza de feições evidencia, se verdadeiro, o busto do museu Vaticano, que mostra a face grave e alongada de um homem mediterrânico, ainda jovem, mas de olhar ansioso e testa lavrada de rugas insanáveis. Mais verosímil, ao cabo, será o medalhão de um códice que o representa *barbatus*, de oval amavioso, expectante na iluminação de um futuro melhor. A bissexualidade imperava (facto ressabido) na sociedade helenizante em que Terêncio se movia: qualquer manifestação pública de benquerença seria malsinada pela presbitia vesga dos tradicionalistas.

As suspeições sobre o *ingenium* terão começado quando Terêncio representou a *Andria*, de algum modo favorecida por Cecílio, e se afirmou solidamente a sua convivência com o círculo dos Cipiões. A ressonância deste grémio na literatura de Roma antiga levou alguns historiadores a considerá-lo como uma espécie de academia ou cenáculo de estudiosos: na realidade, constituiria apenas um ponto de encontro, mais ou menos estável, de sensibilidades empenhadas em abrir caminhos mais largos à difusão da helenidade na Urbe. Ora o teatro oferecia uma forma eficaz de intervenção social: daí que a certos representantes do círculo — entre os quais figuram nomes ilustres como Cipião Emiliano, Lélío-o-Sapiente, Fúrio Filão; mais tarde, o satirista Lucílio — se atribua a autoria de comédias e tragédias. Como tais peças não aparecem com os seus nomes,

é fácil imaginar que, para encobrirem um hipotético desdouro, transferissem para outrem o risco de as apresentarem como próprias. Por isso contam que, certa vez — justificção de tardança à mesa —, Lélió teria invocado um fluxo de inspiração, e recitado, como prova, alguns versos do *Heautontimorumenos*... Dado que Terêncio não podia defender-se cabalmente da acusação (envolvia agora um *rumor* lisonjeiro para os nobres do círculo), a balela ganhou espessura e amargurou duramente os últimos anos, que poucos foram, da vida do poeta. Ora Terêncio era convivente do círculo, porta-voz das suas ideias, não testa-de-ferro das comédias que realmente escrevera. Nenhuma outra, para mais, foi representada, com o nome do poeta, após a sua morte.

Ao espaço de sete anos apenas (166-160 a. C.) se circunscribe a produção teatral de Terêncio, limitada também ao rol de seis comédias. À parte alguma controvérsia, hoje mais ou menos silenciada, é possível — graças às didascálias e a um que outro elemento adjuvante — indicá-las por ordem cronológica: de 166 a. C. seria a *Andria* (*A Moça que Veio de Andros*); de 165 a. C., a primeira versão da *Hecyra* (*A Sogra*), interrompida pela chegada de uma companhia de pugilistas e funâmbulos; de 163 a. C., o *Heautontimorumenos* (*O Homem que Se Puniu a Si Mesmo*); de 161 a. C., o *Eunuchus* (*O Eunuco*), seguido, no mesmo ano, pelo *Phormio* (*Formião*); de 160 a. C., por ocasião dos jogos fúnebres em honra de Lúcio Emílio Paulo, pai de Cipião Emilianiano, os *Adelphoe* (*Os Dois Irmãos*), a segunda tentativa de representação da *Hecyra* (retocada, mas de novo frustrada pela concorrência de um espectáculo de gladiadores) e, enfim, a terceira realização da mesma comédia, desta vez acompanhada até final.

À força de repetida em todas as didascálias, fracas garantias oferece, quando referida a Terêncio, a indicação *placuit*. De certeza «agradou» o *Eunuchus*, duas vezes representado no mesmo dia e que valeu ao poeta a remuneração (assaz elevada) de oito mil sestércios. Terão agradado também o *Phormio*, de toada plautina, e porventura os *Adelphoe*, em que, com admirável habilidade, se contemperam cómico e reflexão. Mas que afirmar sobre o êxito da *Andria* e do *Heauton*, mais apartados do chiste imediato? À primeira ainda sorriram a novidade da estreia e o movimento álaçre do enredo; a segunda era introspectiva de mais para quem se habituara à *festiuitas* de Plauto.

ÍNDICE

A mão de Saturno — Introdução à leitura de Terêncio, <i>por</i> WALTER DE MEDEIROS	7
1. A vida	7
2. A crítica	10
3. A <i>humanitas</i>	13

*

A MOÇA QUE VEIO DE ANDROS	17
<i>Notas</i>	150
O HOMEM QUE SE PUNIU A SI MESMO	187
<i>Notas</i>	314
O EUNUCO	331
<i>Notas</i>	451